

Prefácio

Normalmente eu trabalho com pastores, e faço isso há uns 14 anos. Conheço muitos dos problemas que eles enfrentam. E sei que grande parte da sua agenda de áreas de estudo, nas quais muitos problemas espinhosos crescem espessamente, é o território compreendido pelo divórcio e pelo novo casamento. Em geral os pastores simplesmente não sabem manejar as nodosas questões que são chamados semanalmente para encarar. Não me refiro aos ministros modernistas, e sim aos conservadores – homens que creem na Bíblia e que pregam a Bíblia!

Esses pastores querem seguir as Escrituras para onde quer que elas os levem, mas ainda não conseguem ver claramente esse caminho. O problema não é que a Bíblia não tem nada de definitivo para dizer sobre o assunto, como conclui Dwight Small, depois de “hiper-dispensacionalizar” a metade do Novo Testamento.¹ O que resta da *sua* Bíblia não tem o que dizer, mas a minha tem. Certamente Deus não

¹ Em seu livro, *The Right to Remarry* (O direito de casar de novo).

deixou o problema conosco, como sugere Small. Não! Há mais que suficiente revelação pertinente sobre as questões envolvidas. O nosso problema é de tipo diferente.

Temos negligenciado esse campo de estudos por tanto tempo, aceitando acriticamente tradições locais ou denominacionais, muitas das quais se desviam das dificuldades mais cruciais, que acabamos ficando no ar. Muitas vezes os seminários relegaram tais “assuntos práticos” a uma posição secundária, dando-lhes pouco menos que um tique ou um aceno em seus currículos – se tanto – atribuindo, enquanto isso, grande importância a áreas que o ministro raramente encontra em seu trabalho diário como pastor, se é que alguma vez as encontra. Sucede, então, que os estudantes vão para as igrejas beatificamente inconscientes das confusões com as quais as famílias podem torcer ou embrulhar um casamento, e mal preparados para fazer algo construtivo.

Os que têm tentado estudar o território escriturísticamente têm descoberto que os comentaristas diferem radicalmente, muitas vezes passando por alto questões cruciais, e têm visto que, em geral, eles não oferecem muita ajuda. Em suas tentativas, esses cristãos estudiosos rapidamente pegam gosto pela amplitude e profundidade do assunto e se dão conta dos numerosos e nodosos problemas exegéticos que existem. Não poucas vezes eles concluem, relutantemente: “Não tenho tempo, ou capacidade, para tirar todas as camadas desta cebola; minha agenda de trabalho simplesmente não me permite fazer isso”.

Então deixam a coisa andar por si. Depois, no entanto, o que é que tais pastores fazem quando têm que enfrentar um dos muitos tipos de divórcio que estão se tornando uma parte corriqueira do trabalho de aconselhamento do

pastor? (Leitor, você sabe, é claro.) Demasiadas vezes o pastor se vê, constrangidamente, caindo de volta nas tradições da sua igreja local, sofrendo pressões, que podem ser muito grandes, da liderança e dos outros membros da igreja para que o faça, mesmo quando ele desconfia (ou sabe!) que essas posições tradicionais são questionáveis ou mal fundamentadas.

Contudo, há algo mais por trás dessa fraca e insatisfatória reação da igreja conservadora. Até muito recentemente, toda essa área era evitada cautelosamente. Nunca deveria ser assim; porém, existem forças operantes (ver o Capítulo 1) que possibilitam às igrejas ignorarem tais problemas, apesar de com isso cometerem grave erro. No passado era fácil para o pastor dizer: “Lamento, não oficio em casamentos de pessoas divorciadas”, como também era fácil para as igrejas estabelecerem em seus regimentos internos ou em seus estatutos termos como estes: “Nenhum divorciado tem permissão para ensinar, cantar no coro ou exercer algum ofício”. É assim que era. E, em algumas igrejas locais, talvez num considerável número delas, continua sendo assim. Todavia, onde essas posições ainda prevalecem, há uma diferença: tais crenças e igrejas estão ficando com a consciência cada vez mais inquieta.

Atualmente o divórcio é uma coisa comum; não é apenas uma doença contraída por astros e estrelas de Hollywood. A realidade atual do divórcio até propicia pano de fundo para bom número de programas da TV sobre família. O estigma do divórcio foi removido de grandes segmentos da sociedade. É provável que, em número sempre crescente, novos convertidos, divorciados e divorciados casados de novo, ou não, estão entrando nas igrejas evangélicas. Eles

querem saber qual é a sua posição na Igreja de Cristo. E, como devem fazer, estão exigindo resposta baseada em algo melhor do que a tradição – querem saber o que a Palavra de Deus tem a dizer com relação a isso.

Em resposta a essas novas pressões, tem sido produzida uma enxurrada de livros e panfletos. Entretanto, os escritores estão muito divididos quanto à interpretação das passagens chaves. As opiniões variam da completa permissividade à estrita proibição do divórcio e do novo casamento em toda e qualquer circunstância. A grande e desterradora obra de John Murray, *Divorce* (Divórcio), embora hesitante e incompleta em muitos pontos vitais, ainda é a melhor que existe. Contudo, o seu estilo é áspero, sua linguagem é tediosa, muitas vezes as suas conclusões são tentativas, e às vezes errôneas, e o seu escopo é limitado. O livro de Guy Duty, *Divorce and Remarriage* (Divórcio e novo casamento), é útil, mas breve e não bem escrito. Em tudo e por tudo, a Igreja cristã ainda está à espera de um estudo compreensivo, lícido, acurado e apresentado num estilo prático e de fácil leitura, e que, não obstante, exponha os dados bíblicos e lhes faça justiça.

Se aprouver a Deus, em Sua providência, fazer uso do presente livro, ou ao menos de alguma parte dele, para preencher a lacuna e atender às necessidades, somente o tempo dirá. Nesta obra eu tentei fazer o que eu acreditava que era necessário fazer, a saber, produzir o que pastores e leigos em toda parte procuram. Minha oração é que eles encontrem o que procuram.

Jay Adams
The Millhouse
Juliette, GA, 1980